

INTERPRETAÇÃO REMOTA DE LIBRAS-PORTUGUÊS NO DEPARTAMENTO DE LETRAS-LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ): UM ESTUDO DE CASO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

Remote interpreting of Portuguese-Brazilian Sign Language (Libras) in the Letras-Libras department of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ): a case study in times of the Covid-19 pandemic

Interpretación remota en Lengua de Señas Brasileña (Libras) y portugués en el departamento de Letras-Libras de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ): un estudio de caso en tiempos de pandemia de Covid-19

Maria Helena Paes da Silva Mora¹
Adriana Maria de Assumpção²

Resumo: Neste trabalho buscamos compreender o uso das plataformas *online*, na perspectiva dos colaboradores da pesquisa, durante da pandemia de Covid-19, 2020 e 2021. Apresentamos as modalidades de educação utilizada nos cursos de graduação de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde contrastamos o trabalho do intérprete de Libras nos formatos remoto e presencial. O trabalho foi pautado nos dados construídos por meio do grupo focal e nas leituras de Gondin (2005) e Gatti (2002). A análise dos dados e a categorização foram inspiradas em Bardin (1977). Nas conclusões, com base nas respostas coletadas no grupo focal, foi possível observar que a tecnologia se mostrava presente em todo momento durante a atuação no trabalho remoto, deixando suas marcas nos usuários.

Palavras-chave: Intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Covid-19. Educação de Surdos.

Abstract: In this paper we seek to understand the use of online platforms from the perspective of this research collaborators during the Covid-19 pandemic, 2020 and 2021. We present the educational modalities used in undergraduate Brazilian Sign Language courses at the Federal University of Rio de Janeiro, where we contrast the work of the sign language interpreter in remote and in-person formats. The work was based on data constructed through the focus group and on readings of Gondin (2005) and Gatti (2002). Data analysis and categorization were inspired by Bardin (1977). In the conclusions, based on the responses collected in the focus group, it was possible to observe that technology was present at all times during remote work, leaving its marks on users.

¹ Mestra em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (discente), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: helena.mora@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5303499411605680>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-32980413>.

² Doutora em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (docente), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: professoraadrianaassumpcao@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1898254259213269>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5570-7877>.

Keywords: Brazilian Sign Language Interpreter. Covid-19. deaf education.

Resumen: En esta investigación, nos proponemos comprender el uso de plataformas en línea desde la perspectiva de los colaboradores de la investigación durante la pandemia de Covid-19 en los años 2020 y 2021. Presentamos las modalidades de educación utilizadas en los cursos de grado de Letras-Libras de la Universidad Federal de Río de Janeiro, contrastando el trabajo del intérprete de Lengua de Señas Brasileña (Libras) en los formatos remoto y presencial. El trabajo se sustentó en los datos obtenidos mediante grupos focales y en las obras de Gondin (2005) y Gatti (2002). El análisis de los datos y la categorización se inspiraron en la metodología de Bardin (1977). En las conclusiones, basadas en las respuestas recopiladas en el grupo focal, fue posible observar que la tecnología se encontraba presente en todo momento durante la actuación en el trabajo remoto, dejando su huella en los usuarios.

Palabras clave: Intérprete de Lengua de Señas Brasileña. Covid-19. Educación de Sordos.

Introdução

Este artigo trata-se de um recorte da dissertação de mestrado de uma das autoras, estimulada para este estudo durante os acontecimentos relativos à pandemia de Covid-19 que assolaram o mundo principalmente de março de 2020 até março de 2022. As instituições de ensino precisaram se reorganizar e se adaptar à realidade de um vírus altamente contagioso e, em muitos casos, mortal. Tal realidade rompeu com diversas estruturas sociais, culturais e econômicas já existentes. Foi necessária uma adaptação nessas e em outras categorias do dia-a-dia para que fosse possível continuar a viver diante de tamanha limitação espacial imposta pelo vírus. Mais megas de *wi-fi*, melhores fones, cadeiras e mesas mais confortáveis foram alguns dos investimentos que os profissionais da educação em diferentes níveis fizeram para manter suas atividades profissionais de forma remota.

A Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é composta por vários departamentos, onde as habilitações dos cursos de graduação em Letras são organizadas de acordo com as línguas que são ofertadas. Um deles é o Departamento de Letras-Libras (LEB), que possui quatro setores acadêmicos, Setor de Libras, Setor de Estudos Linguísticos, Setor de Estudos Literários e Setor de Estudos da Tradução, além dos setores administrativos, Setor de Produção de Vídeos em Libras e Setor de Tradutores/Intérpretes de Libras (SETIL/LEB). Os professores e técnicos administrativos em educação atuam, prioritariamente, na graduação em Letras-Libras, que acontece, em sua maior parte, no horário da noite.

Neste último setor citado está o foco deste trabalho, pois nele estão alocados os intérpretes de Libras que atuaram junto ao Departamento durante a pandemia. O setor conta com sete intérpretes efetivos e quatro contratados, por meio de terceirização, totalizando 11

profissionais. O SETIL/LEB atende demandas de interpretação na licenciatura e bacharelado em Letras-Libras, na pós-graduação *stricto sensu*, nas reuniões administrativas, orientações, pesquisa e extensão. Tais atividades se mantiveram durante a pandemia de Covid-19, mas em formato remoto.

Diante daquele cenário pandêmico, tornou-se necessária a criação de métodos e estratégias para que a educação não ficasse estagnada, enquanto a sociedade vivia o distanciamento social. Dessa forma, este estudo apresenta reflexões trazidas pelos colaboradores que usaram plataformas *online* para suas atividades como intérpretes durante o trabalho remoto desenvolvido no Departamento de Letras-Libras na pandemia de Covid-19. A proposta para o desenvolvimento da temática é oriunda da experiência de uma das autoras deste trabalho, de conversas com seus pares no que diz respeito ao trabalho de interpretação remota e a leitura de artigos e capítulos de livros sobre a temática da interpretação.

Educação e Tecnologia

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o período citado, mediante a perspectiva dos intérpretes ouvintes atuantes no Departamento de Letras-Libras da UFRJ que utilizaram plataformas *online* e como esse uso impactou na interpretação das aulas.

Para contextualizar o leitor sobre possibilidades educacionais, a seguir iremos explicar alguns formatos de educação: regular, inclusiva e bilíngue. Compreende-se educação regular aquela que segue os níveis de ensino e faixas etárias pré-estabelecidas. Na educação inclusiva o sistema escolar existente é adaptado para receber o estudante com deficiência.

Entretanto, a educação inclusiva, que apesar de ser socialmente positiva para o desenvolvimento dos estudantes, não considera o sujeito linguisticamente, não contemplando essa necessidade do estudante surdo. No processo de inclusão não são observados a cultura e a identidade linguística daquele grupo, fazendo com que a língua e cultura majoritárias sejam embutidas no educando. O educador Paulo Freire refletiu amplamente sobre a escola e a reprodução dos ideais relacionados aos lugares de poder e, sobre isso destacamos uma reflexão acerca do poder linguístico.

Depreende-se assim que, ao trabalhar com conteúdos objetivados que não propiciam o acabamento estético do conhecimento, a relação que os alunos com eles estabelecem não pode ser outra do que sua assimilação de forma autoritária, como verdade. Este fato terá implicações ainda mais sérias para a formação das consciências individuais dos estudantes ao se considerar que, conforme discutiu Freire (2014), historicamente, a escola tem, por meio de um trabalho de e com a linguagem, reproduzido a ideologia da classe que está no poder (FREIRE, 2014 *apud* LODI e PELUSO, 2018, p. 135 e 136).

A inserção do intérprete de Libras na sala de aula é vista por alguns profissionais da educação como sendo suficiente para o desenvolvimento do estudante surdo, entretanto, muitos dos estudantes da educação básica não têm acesso a Libras fora do ambiente escolar, visto que mais de 95% dos surdos nascem em famílias de ouvintes (QUADROS, 1997).

É necessário que a língua de instrução no ambiente educativo seja a Libras, para que os educandos surdos possam se desenvolver linguisticamente naquele espaço, não transmitindo a responsabilidade linguística para o intérprete de língua de sinais.

Nas séries iniciais, recomenda-se que o professor seja surdo, para a construção de identidade surda. No segundo segmento o educando, já com maior maturidade, começa a compreender a expansão da comunidade surda e entende que pessoas ouvintes também podem se comunicar em Libras. No Ensino Médio e Superior os intérpretes de Libras se fazem mais presentes, visto que os estudantes têm autonomia e sua construção como sujeito surdo está mais concreta.

A mudança da modalidade das aulas presenciais para remotas impactou no processo de aprendizagem e é preciso compreendê-la como um processo ativo, em que o indivíduo participa conscientemente dele e não algo involuntário, passivo. Nesse sentido, é possível entender que o que chamamos de educação trata da aprendizagem guiada, formalizada, com regras, categorias, a educação formal (ROGERS, 2003 *apud* SELWYN, 2011).

A tecnologia nos proporciona avanços, conforto e melhorias em termos de qualidade de vida, mas ela também pode gerar pontos negativos que devem ser sanados com a própria tecnologia (BUNGE, 1985 *apud* CUPANI, 2016).

A não-neutralidade da tecnologia, defendida por Bunge (1985) e Cupani (2016), aliada com a questão da reflexão sobre o trabalho crítico, reforça o caráter político e suas implicações quando abordamos a tecnologia na educação. Selwyn (2017) reforça a ideia dos autores e reafirma as relações de poder.

Portanto, o trabalho crítico luta para desenvolver uma melhor compreensão das questões de poder, controle, conflito e resistência que cercam qualquer uso da tecnologia na educação. Colocado de forma mais clara, estudos críticos do uso da tecnologia na educação precisam levar em conta o conflito social sobre a distribuição de poder (Selwyn, 2017, p. 19).

A forma como os estudantes têm acesso à tecnologia para o estudo varia de acordo com a região em que se vive, a classe social, a faixa etária de escolarização, por vezes, desigualdades sociais.

É importante a definição de três conceitos relativos à educação e as tecnologias que aparecerão com frequência neste trabalho: ensino remoto, educação à distância (EaD) e ensino presencial. Segundo Saldanha (2020), duas das três nomenclaturas podem ser definidas das seguintes maneiras, respectivamente, “...o ensino remoto se constituir em uma solução emergencial, não planejada, provisória, rápida e viável para lidar com a suspensão das atividades pedagógicas presenciais no espaço escolar, lançando mão de recursos como Internet e mídias digitais” (p.130) e a educação à distância:

a) funcionamento e concepção didático-pedagógica próprios; b) conteúdo e atividades com design adequados; c) modelo pedagógico voltado para alunos, professores, tutores e gestores, com arquitetura pedagógica (AP) e estratégias pedagógicas (EP) que possibilitam a construção do conhecimento em ambiente virtual; d) competências discentes específicas para o ambiente virtual e aprendizagem a distância; e) acompanhamento do percurso cognitivo e emocional do aluno pelos professores ou tutores (Behar, 2020 *apud* SALDANHA, 2020, p. 131).

O ensino remoto foi algo emergencial, sem organização prévia antes de ser colocado em prática, já o EaD possui estratégias pedagógicas voltadas para o ambiente virtual, sendo esse um ponto em comum entre os dois modelos de ensino, o uso da internet.

Destacando o ensino remoto na educação de surdos durante o período da pandemia de Covid-19, nos anos de 2020 e 2021 no Brasil, a preocupação se ampliava quando pensamos no isolamento linguístico pelo qual muitos estudantes passaram. Em uma pesquisa intitulada “Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia”, desenvolvido por Fellini, Menegassi e Shimazaki (2020), realizada nas escolas do estado do Paraná que tinham surdos matriculados, foi possível observar que muitos atendimentos aos estudantes foram realizados utilizando plataformas *online*. Os estudantes de baixa renda poderiam ir até a escola para retirada dos materiais impressos que eram enviados para a casa dos estudantes pelo Correio a cada 15 dias.

Enfatizou que os atendimentos ocorrem em *home office*, por meio da elaboração de vídeos postados no *Youtube*, vídeo conferência ou, ainda, por chamadas de vídeo e WhatsApp, além de apostilas impressas entregues aos alunos. Alguns professores, como os da EJA, estão encaminhando apostilas a cada 15 dias para impressão em casa. Entretanto, há aqueles que não possuem condições e buscam o material na escola. Há, ainda, aqueles que moram em cidades vizinhas, aos quais a escola encaminha o material pelo correio (FELLINI, MENEGASSI e SHIMAZAKI, 2020, p.8).

Apesar dessa solução paliativa, estudantes de baixa renda não tinham acesso aos conteúdos disponibilizados virtualmente, não tendo assim o contato, mesmo que virtual com os professores e os intérpretes de Libras, este último fundamental para a compreensão do conteúdo ministrado. Os que possuíam acesso somente ao material impresso não tiveram o seu direito linguístico ao acesso a Libras garantido, tendo contato somente com a sua segunda língua, o português escrito. Tal situação poderia ter sido minimizada com políticas públicas que visassem à educação de surdos durante a pandemia.

Sobre o ensino presencial podemos defini-lo como aquele que acontece presencialmente, em que professores e estudantes, e os demais sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem estão presentes, fazendo uso da internet para estratégias de ensino que aconteceram naquele mesmo ambiente.

Foram encontradas algumas publicações que trazem a problemática das aulas remota, como no artigo Narciso, Narciso e Sá (2020), intitulado “Ensino remoto em tempos de pandemia: os desafios enfrentados pelos professores”, em que os autores indicam:

Leal (2020) aponta que, diante da nova realidade imposta pela situação de pandemia, as limitações que existem no processo de ensino e aprendizagem tornaram-se mais evidentes, isso porque o momento acentuou ainda mais como a desigualdade social tem implicações negativas na aprendizagem de alunos em situação de vulnerabilidade econômica. O discurso da educação a distância traz a tona a dificuldade de alunos de classes sociais menos favorecidas em dar continuidade ao ano letivo nesse contexto de isolamento social, uma vez que faltam computadores, smartphones, tablets e acesso à internet em suas residências. O autor ainda destaca que “esses novos desafios levaram, inclusive, a uma maior inadimplência e evasão escolar, as quais só não foram agravadas graças ao trabalho dos docentes, assegurando a motivação e a estima do alunado” (SÁ, NARCISO, NARCISO, 2020, p. 3).

Tais desafios foram encontrados na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pois muitos estudantes e profissionais da educação não possuíam equipamentos eletrônicos para o desenvolvimento das aulas. A conexão instável e as plataformas de *stream* foram pontos desafiadores para os intérpretes de Libras.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa se pautou em uma abordagem qualitativa que utilizou como parte inicial do estudo a revisão de literatura de artigos acadêmicos publicados em revistas científicas, teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e de análise de conteúdo. O estudo de caso foi utilizado como método, por meio de uma abordagem qualitativa para a construção e análise de dados. O estudo foi construído por meio da realização desse grupo focal com os participantes da pesquisa, previamente convidados por uma das pesquisadoras. O recorte da pesquisa se concentrou nos últimos três anos - de 2020 a 2023 - por se tratar do período da pandemia de Covid-19, entretanto sentiu-se a necessidade de ampliá-lo a fim de refletir também sobre a perspectiva do trabalho do intérprete no ensino superior antes desse período e contrastar os diferentes momentos de atuação desse profissional.

As buscas foram realizadas na base de dados *SciELO*, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na base de Periódicos Capes, na Revista Educação e Cultura Contemporânea do Programa de Pós-Graduação em Educação onde o estudo foi desenvolvido. Na base *SciELO* foram encontrados 5 artigos dos quais 1 deles será utilizado neste trabalho. Os demais foram descartados, pois, apesar de conter pelo menos uma das palavras-chave, ao realizar a leitura foi observado que eles não se alinhavam com a educação de surdos.

Na Revista Educação e Cultura Contemporânea, foram encontrados 2 artigos com as temáticas selecionadas e ambos serão utilizados. No Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações (BDTD) foi encontrada apenas uma dissertação sobre a temática que vem sendo abordada neste trabalho e ela fez parte das leituras para o desenvolvimento desta pesquisa.

O estudo de caso que apresentamos foi desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituição pública de ensino superior que oferece graduação em Letras-Libras, com intérpretes de Libras efetivados via concurso público. Os intérpretes convidados para o Grupo Focal são do SETIL/LEB. É possível afirmar que se trata de um estudo de caso, pois:

Privilegia-se a seleção dos participantes segundo alguns critérios - conforme o problema em estudo -, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão, que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo (GATTI, 2005, p. 7).

Para esta pesquisa foram selecionados sete intérpretes do Departamento de Letras-Libras que apresentavam como características comuns a profissão, a instituição que trabalham, além do local de atuação, partilhando as disciplinas dos cursos de Letras-Libras, bacharelado e licenciatura. Abaixo segue um quadro com o perfil dos colaboradores:

Quadro 1: Perfil dos colaboradores

	Idade	Identidade de Gênero	Formação Acadêmica	Atuação na UFRJ	Experiência anterior à pandemia com o trabalho remoto?	Como aprendeu Libras?
Colaborador 1	26 ~ 35 anos	Não- binário	Graduação	4 anos	Não	Com colega na universidade
Colaborador 2	26 ~ 35 anos	Mulher Cisgênero	Mestrado	+10 anos	Não	Em instituição religiosa
Colaborador 3	36 ~ 45 anos	Mulher Cisgênero	Especialização	4 anos	Não	Com os pais surdos
Colaborador 4	26 ~ 35 anos	Homem Cisgênero	Graduação	9 anos	Não	Em instituição religiosa
Colaborador 5	26 ~ 35 anos	Homem Cisgênero	Ensino Médio	6 anos	Não	Em instituição religiosa
Colaborador 6	26 ~ 35 anos	Homem Cisgênero	Mestrado	4 anos	Não	Em instituição religiosa
Colaborador 7	36 ~ 45 anos	Homem Cisgênero	Mestrado	4 anos	Não	Em instituição religiosa

Fonte: autores

Esta proposta de estudo de caso foi idealizada devido ao interesse de uma das pesquisadoras que assinam este artigo no tema da interpretação remota para os intérpretes de Libras durante a pandemia de Covid-19. Posteriormente esse interesse foi ampliado com o aprofundamento teórico oriundo da leitura do estudo desenvolvido por Duarte (2008) intitulado “Estudos de caso em educação: Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização”.

Durante a análise, desenvolvida por meio de uma abordagem de dados qualitativa, que observa o homem como ser pensante, capaz de refletir sobre suas práticas por meio do diálogo intragrupal. Gondim (2002) apresenta o conceito em:

Por outro lado, a abordagem idiográfica, hermenêutica ou qualitativa destaca a diferenciação entre os dois tipos de objetos de estudo - o físico e o humano - ao admitir que, ao contrário do objeto físico, o homem é capaz de refletir sobre si mesmo e, através das interações sociais, construir-se como pessoa (p. 2).

O diálogo do grupo focal seguiu um roteiro de apresentação semiestruturado (anexo 1). Tal método de construção de dados foi escolhido para tornar possível realizar trocas de experiências entre os sujeitos da pesquisa tornando as respostas mais fluidas, com diversas perspectivas sobre a temática, além da espontaneidade dos participantes durante seu depoimento. Gatti (2005), fornece base para a escolha do grupo focal como meio de construção de dados e contribui para pensar sobre a mediação do grupo e a forma como os diálogos devem ser conduzidos:

O que ele não deve é se posicionar, fechar a questão, fazer sínteses, propor ideias, inquirir diretamente. Fazer a discussão fluir entre os participantes é a sua função, lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicita pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para o qual foi convidado a conversar coletivamente (GATTI, 2005, p. 9).

O grupo focal foi realizado com os servidores efetivos do Departamento de Letras-Libras e todos eles tiveram seus nomes ocultados para que sua identidade seja preservada. Foram analisadas as conversas trazidas no grupo focal com seis intérpretes efetivos de Libras, com ao menos cinco anos de experiência na área.

Previamente foi enviado para os participantes da pesquisa um questionário de apresentação pessoal com perguntas para a construção do perfil deles. Essas perguntas tiveram por intuito traçar o perfil de formação acadêmica e profissional que cada um deles possui. O perfil se torna relevante no momento da análise dos dados após a realização do grupo focal, para que sejam traçados paralelos entre a formação do intérprete e o diálogo construído.

A construção de dados foi feita por meio de grupo focal, seguindo um roteiro de apresentação e também com base na análise das plataformas utilizadas pelos professores e, consequentemente, pelos intérpretes de Libras, para as aulas remotas, como *Google Classroom*, *Google Meet* e *Zoom*.

Após a realização do grupo focal, as respostas gravadas foram analisadas juntamente com as informações do questionário de apresentação pessoal. Tomamos como base o estudo

de Deslandes e Gomes (2007) que abordam a pesquisa social no livro intitulado “Pesquisa social: teoria, método e criatividade” e no livro “Análise de Conteúdo”, de Laurence Bardin.

Grupo Focal

Um roteiro pré-estabelecido foi criado para orientar a pesquisadora sobre a condução da dinâmica do grupo focal. Todos os colaboradores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No dia 14/02/2023, das 19h às 20h30, pela plataforma *Zoom*, foi realizado o grupo focal com os tradutores e intérpretes de Libras do Departamento de Letras Libras da UFRJ. Os sete colaboradores convidados compareceram e participaram da dinâmica, que teve duração de 1h30min, e foi dividida em 3 etapas, ocorrendo breves quedas de conexão dos colaboradores, mas sendo restabelecidas a seguir.

Durante as breves interrupções de conexão, caso ocorresse com o colaborador que estivesse falando no momento, a palavra era passada para o outro que dava continuidade a temática abordada naquele momento. Quando o colaborador que teve sua conexão interrompida retornava, voltávamos a dar a palavra a ele.

As pesquisadoras apresentaram a primeira pergunta norteadora e o grupo foi respondendo da maneira mais confortável. A partir da segunda pergunta, aparentemente os colaboradores já estavam mais à vontade e trouxeram pontos que seriam perguntados mais adiante. Tal fato era esperado visto que as perguntas foram pensadas no sentido geral para o mais específico da interpretação, ou seja, inicialmente foi abordada a interpretação e com a condução da dinâmica as perguntas que seguiam os objetivos específicos foram trazidas. Toda a dinâmica foi registrada em vídeo e áudio para fins de pesquisa.

Construção dos dados

A escolha pelo conceito de interpretação dos dados se dá com base na leitura de um dos capítulos do livro citado acima em que Wolcott (1994) *apud* Gomes (2007), explicita que “na interpretação — que pode ser feita após a análise ou após a descrição — buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado” (p. 80).

Outro livro que foi utilizado como inspiração para a construção dos dados é “Análise de Conteúdo”, de Laurence Bardin (1977), com tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. No livro, a autora apresenta a análise do conteúdo, mediante a fragmentação de

categorias de assuntos semelhantes, como por exemplo, o mesmo tema, visando agrupar os discursos coletados para realizar a análise deles, como é descrito pela autora:

No conjunto das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias é de citar em primeiro lugar: cronologicamente é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou *análise temática*, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações de manifestas) e simples (BADIN, 1977, p. 153)

A proposta deste trabalho foi justamente interpretar a fala de cada um dos colaboradores, buscando o sentido do que foi dito diante da sua atuação na profissão e visando a melhoria na qualidade do trabalho da categoria em situações de interpretação remota. O conceito de interpretar se adequa também ao que o profissional colaborador desta pesquisa faz: observa, compreende, verifica as entrelinhas e aí sim interpreta.

Após a realização do grupo focal, uma das pesquisadoras assistiu ao vídeo, realizou as transcrições e criou categorizações das respostas com base nas perguntas norteadoras. As categorizações foram criadas seguindo a teoria de Bardin (1979) *apud* Gomes (2007):

uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classe, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico (GOMES, 2007, p.88)

Ainda com base em Bardin (1977), a análise escolhida para este trabalho é a análise das co-ocorrências, pois nela são selecionados elementos com as mesmas características em um determinado contexto, como é expressado pela autora em:

A análise das co-ocorrências procura extrair do texto as relações entre os elementos da mensagem, ou mais exactamente, dedica-se a assinalar as presenças simultâneas (co-ocorrência ou relação de associação) de dois ou mais elementos da mesma unidade de contexto, isto é, num fragmento de mensagem previamente definido (GOMES, 2007, p.198).

Durante a análise dos dados é possível observar tal processo, visto que diversos colaboradores apresentam situações semelhantes, sendo possível realizar associações das situações experienciadas.

Análise e discussão dos resultados

Durante as entrevistas os sete colaboradores relataram alguns desafios da interpretação remota. Todos afirmaram que essa modalidade foi experienciada pela primeira vez durante a pandemia.

O Intérprete 1 apesar de gostar da modalidade e da estrutura de trabalho, se mostrou sobrecarregado com trabalho remoto devido aos problemas tecnológicos enfrentados pela equipe.

Tecnicamente, eu gostei muito de trabalhar no remoto, e eu não tinha muita dificuldade, mas eu me senti um pouquinho como é que se fala, sobrecarregado na pandemia, porque todo mundo tinha internet ruim, o computador travava, todo mundo tinha problema, e eu achava que eu não podia ter problema, talvez uma cobrança pessoal não poder ter problema, mas alguém tinha que entrar e quase sempre era eu (Intérprete 1).

O intérprete 4 apresentou uma outra perspectiva sobre o trabalho remoto no período da pandemia. Para ele não foi satisfatório, pois sentiu falta do contato com os estudantes para darem um retorno sobre a compreensão da interpretação que estava sendo realizada.

Eu achei bem ruim, é que o que eu gostava mais do trabalho de intérprete era o contato humano que nós temos né, eu sentia muitíssima falta da troca de olhar de confirmação do que o que eu havia interpretado fez sentido, que aquele esse gesto de balançar a cabeça (movimento afirmativo com a cabeça) para mim faz muita diferença, e quando a gente tá interpretando e todos os alunos estavam com a tela desligada, eu não sabia se eu tava falando com alguém eu me sentia sozinho, solitário (Intérprete 4. Parênteses nosso).

O Intérprete 5 corrobora ainda com a fala do Intérprete 4 e traz ainda a questão do espaço limitado para a atuação. A sinalização precisou ser reduzida espacialmente, alguns sinais que eram feitos na altura da cintura, da barriga, precisaram ser suspensos para a altura do peito, ou ancorados na mão.

Eu sentia muita diferença e fora o retorno dos surdos, ver aquelas janelas todas fechadas me dá uma agonia. E o espaço limitado da tela, isso aí para mim também é muito ruim, eu sou acostumado já a ser um pouco mais expansivo; quando eu tô interpretando presencialmente eu vou com o corpo um pouco para frente, um pouco para trás e um pouco pro lado. Eu gosto de dar um pouco mais de vida e na interpretação remota você não consegue fazer isso, é muito limitado, muito limitado. E quando eu voltei, não sei se isso aconteceu com vocês, eu acho que eu comentei algumas pessoas, quando eu voltei presencial com os alunos olhando, eu me senti incomodado eu nunca tinha sentido na vida, nunca tinha sentido isso na vida, mas eu

tô interpretando, me olhando assim os olhares começou a pesar em mim (Intérprete 5).

A fala do intérprete 5 tem um tom despojado e mostra como a transição do presencial para o remoto e depois o movimento contrário, de retorno, do remoto para o presencial afetou a forma de interpretar. Foi necessário criar estratégias para solucionar questões que surgiam durante as atuações. O depoimento do Intérprete 5 corrobora com o do Intérprete 2 e do Intérprete 7.

Sobre o período da pandemia: óbvio, óbvio, que não tem como falar que esse momento foi bom, impossível falar que foi bom, a gente é que teve que aprender a se virar nesse período muito difícil. Eu acho que a gente conseguiu dar um *upgrade* geral na nossa categoria. [...] Eu concordo com o Intérprete 4 mesmo, essa questão do apoio e dessa falta de *feedback* de que você tá indo no caminho certo, você tá entrando no raciocínio porque a gente traduz assim também né interpreta desse jeito sentindo para onde você quer chegar e a gente muda nossas escolhas ali na hora sabe. Um sinal que tá agarrando que você vê que tá todo mundo fazendo aquela carinha assim (expressão de falta de compreensão), você muda o sinal na hora né muda a estratégia de tradução de interpretação [...] a falta de *feedback* ferra demais (Intérprete 7. Parêntese nosso).

Mais uma vez é reforçada a falta de retorno por parte dos estudantes, fato esse que não acontecia nas aulas presenciais, antes da pandemia. Quando as câmeras estão fechadas não é possível ter o *feedback*, já que trata-se de uma língua visual. O Intérprete 2 também aborda esse ponto em sua fala e valoriza algumas publicações sobre trabalho remoto que antes não eram adotadas, já que não se tratava da realidade dos colaboradores:

Eu acho também que eu gostei mais assim de trabalhar em casa porque eu já tava no setor de tradução, né, claro que eu fiz algumas interpretações remotas e foi inclusive uma ótima oportunidade para eu ver alguns materiais de interpretação remota que já existiam antes de pandemia que eu nunca tinha tido contato, né, então fui catar, buscar, fui assistir algumas palestras e tal. [...] de fato a expressão do aluno faz falta, aquelas aulas em que você vê o aluno ali participando, só com a expressão, e que você tá vendo que aquilo tá fazendo diferença na vida dele, aquilo é muito mais gratificante do que um monte de janelas fechadas (Intérprete 2).

Os materiais aos quais a Intérprete 2 faz referência em sua fala são duas palestras. Ambas foram ministradas por Christiano Sanches do Valle Silva, que atua como profissional nas áreas de tradução técnica escrita e interpretação de conferências, trabalhando com os idiomas inglês, francês e português. Desde 2013 faz parte do corpo docente na Formação de Intérpretes de Conferência da PUC-Rio. Doutorando em Estudos da Linguagem pelo

Departamento de Letras da PUC-Rio, iniciado em 2020 (texto retirado do currículo Lattes do profissional).

A primeira palestra aconteceu em formato remoto em 13 abril de 2021, no segundo dia da I Jatradi (Jornada Acadêmica de Tradução e Interpretação), organizada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e foi intitulada “Efeitos da pandemia de Covid-19 no mercado, no ensino e na prática de interpretação” e está disponível no canal do *YouTube* Jornada Acadêmica de Tradução e Interpretação.

A segunda palestra, também em formato remoto, ocorreu no dia 25 de outubro de 2021, no III Fórum TILS, Fórum de Tradução e Interpretação de Libras, organizado pelo Departamento de Letras-Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua palestra recebeu o seguinte título “Reflexões sobre a interpretação remota” e está disponível no canal do YouTube Letras-Libras UFRJ.

Adentrando no uso das plataformas *online*, diante da sua perspectiva com base no uso, os colaboradores apresentaram as melhores e piores plataformas para interpretação remota. Segue abaixo um relato:

Assim, também concordo que no zoom eu me sinto muito mais autônomo, eu consigo mudar o tamanho das telas, marcar o *pin* em quem eu quero, assim com mais facilidade e de uma maneira, eu acho, mais intuitiva do que no *Meet*. Às vezes todas as janelas já estão ocupadas né, e alguns grupos começam a sinalizar, por exemplo, e eu preciso fazer a voz, eu tenho que procurar onde que ele tá, ir lá nos contatos e ver o nome para poder conseguir localizar. Enfim, isso acaba atrasando às vezes aquela dinâmica ali da aula (Intérprete 6).

Dentre as plataformas mais citadas, o Rede Nacional de Professores (RNP) foi utilizado por grande parte dos colaboradores e todos afirmaram que o programa deixa a desejar em muitos aspectos, como: ausência de imagem de todos os presentes, espelhamento de tela, inserção de senha para entrar no programa, dependendo da divulgação dela pelo responsável da sala.

O *Google Meet* foi bem avaliado no sentido de qualidade de imagem, mas não supre todas as necessidades da interpretação Libras<>Português, como o fato de as câmeras precisarem estar fechadas para o tamanho da tela do intérprete ser acessível, não aparecer quem está sinalizando na tela, pois a plataforma prioriza o som, quem fala em língua oral, e não a imagem, quem está sinalizando.

O *StreamYard* apareceu com um bom programa, apesar de ter sido mais utilizado para *live*, para os colaboradores, apresentando como ponto negativo o espelhamento da imagem. A plataforma possui sala privada e qualidade em imagem, pontos relevantes para os participantes.

E por fim, O *Zoom* foi o mais bem avaliado, proporcionando qualidade para o intérprete e para o público, praticidade e um ambiente intuitivo para os usuários de uma forma geral, como por exemplo, o usuário ter autonomia no manuseio das telas, o uso de *pin* e a fácil identificação em quem está com a palavra naquele momento, informação bastante relevante para o momento da realização da versão voz (interpretação da Libras para a Língua Portuguesa) durante as aulas.

Na próxima seção apresentamos uma reflexão sobre as plataformas citadas pelos participantes da pesquisa e as questões elencadas acerca desses ambientes.

Conclusões

Considerando a leitura dos dados construídos a partir da interação com os colaboradores, entende-se que as falas de Bunge (1985) e Cupani (2016) de que as problemáticas da tecnologia devem ser sanadas com a própria tecnologia, se aproximam dos relatos apresentados por alguns participantes da pesquisa.

Dos sete colaboradores do estudo, seis citaram algum tipo de dificuldade no manuseio das plataformas *online* logo que começaram a utilizá-las. O aprendizado aconteceu durante o uso, não houve nenhum letramento formal oferecido aos servidores. Os próprios colaboradores se auxiliaram nesse processo, buscando sanar suas próprias dificuldades decorrentes da ausência de formação para o uso das plataformas.

A falta de compreensão sobre a totalidade dos recursos que as plataformas poderiam oferecer aos colaboradores e, conseqüentemente aos estudantes atendidos, comprometeu, em muitos momentos, a qualidade do serviço prestado, deixando de oferecer melhorias para ambos os lados.

Consideramos ainda que ao se deparar com uma plataforma que não supre as necessidades daquele grupo, é preciso que o intérprete compreenda que esse ambiente oferece novas atualizações com frequência ou ainda buscar outras plataformas digitais que podem ser utilizadas.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/BdSdmX3TsKKF3Q3X8Xf3SZw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28/11/2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução para o português de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Livraria Martins Fontes. São Paulo: Edição 70, 1977. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 15/06/2023.
- CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia**: um convite. cap. 4 e 5. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187613/Filosofia%20da%20Tecnologia%20um%20convite%20e-book.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05/02/2023.
- DESLANDES, Suely Ferreira, & GOMES, Romeu, & MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa social : teoria, método e criatividade**. 26. ed. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2007. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 15/06/2023.
- DUARTE, José B. Estudos de caso em educação: Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. **Revista Lusófona de Educação**, núm. 11, p. 113-132. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Lisboa, 2008. Disponível em: Acesso em: 22/07/2020
- GATTI, Bernadete Angelina. Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. **Série Pesquisa em Educação**. Brasília- DF, v. 10, p. 7-41, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2165790/mod_resource/content/1/GATTI%2C%20Bernadete.%20Grupo%20focal%20na%20pesquisa%20em...%20Cap.%20I%20e%20II.pdf . Acesso em: 30/04/2022
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. Seção Teórico/Metodológica. **Revista Paidéia**. Ribeirão Preto, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt>. Acesso em: 07/06/2022.
- LODI, A.C.B.; PELUSO, L. Reflexões acerca da presença de intérpretes de língua de sinais nos anos iniciais de escolarização. Bakhtiniana, **Rev. Estud. Discurso** 13 (3) • Sep-Dec. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/gfJjwgZwKsRLtT9Bnj5wmRp/?lang=pt> Acesso em: 20/08/2023.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed. 1997.
- SÁ, A. L. de., & NARCISO, A. L. do C., & NARCISO, L. do C. Ensino remoto em tempos de pandemia: os desafios enfrentados pelos professores. **Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2021. Disponível em: <https://ciltec.anais.nasnuv.com.br/index.php/CILTecOnline/article/view/844/172>. Acesso em: 12/07/2023.

SELWYN, N. **Education an Tecnology**: key issues and debates. Edição para Kindle. p. 1-47. Londres: Bloomsbury, 2011. Traduzido para o português por Dra. Giselle Martins dos Santos Ferreira (PPGE/UNESA), Disponível em: https://ticpe.files.wordpress.com/2016/12/neil_selwyn_keyquestions_cap1_trad_pt_final1.pdf . Acesso em: 27/02/2023.

SELWYN, N. Um panorama dos estudos críticos em educação e tecnologias digitais In: **Diálogos Sobre A Tecnologia Educacional**: Educação Linguística, Mobilidade e Práticas Translingues. Campinas: Pontes, 2017. Traduzido para o português por: Cíntia Regina Lacerda Rabello (UFF), Cláudia Hilsdorf Rocha (Unicamp), Joel Austin Windle (UFF), Michele Salles El Kadri (UEL). Disponível em: <https://osf.io/preprints/socarxiv/5pu3x/download>. Acesso em: 20/06/2022

Recebido em: 30 de janeiro de 2024

Aceito em: 25 de março de 2024
